

nal idéa, em cada roseo de lo do forma-  
moa creature poz um espinho da  
mesma roza e no coração della—uma  
perissima violeta que era — deitou  
uma gotta do doce e venenoso succo  
da manceñilha.

Estendeu elle deste modo o seu po-  
der sobre a humanidade futura ;  
dera garras à pomba e no sacrario  
da ventura puera as voluptuosidades  
de um sonno precursoras da morte  
do sentimento.

## IV

Aolevantar-se de profundo torpor,  
o homem da creação apenas come-  
çava a divagar pelos ermos, quando  
veio-lhe ao diante a bellissima con-  
sorte com que o dotara o Senhor.

Caminhou então pressuroso, já  
maiis precipite pulsava-lhe o cora-  
ção e no tremor das mãos e no des-  
vario do olhar, transbordava a com-  
moção.

Tomou-a nos braços e ella des-  
prendeu a voz, mais doce do que o  
canto da philomella, pois afinara-lhe  
o timbre sonoro o mais potente dos  
archanjos do céo. Depois sorriu-se e  
deste primeiro sorriso que foi no  
mundo a aurora da ventura, nasceu  
tambem no coração do homem a  
terna e sempre vircente illusão do  
amor.

## V

Mas nisto farfalharam as folhas e  
um perfume activo almiscarou os  
ares ; vinha vindo a serpente a ras-  
tejar por terra e a fazer brilhar ao  
sol as douradas escamas ; na fixidez  
do olhar puera-lhe o anjo mau  
todas as tentações do inferno.

Seguiu-lhe o rastro maldito a  
graciosa Eva ; seduzira-a aquelle  
brilho ficticio, parecer-lhe humil-  
dade aquelle rastejar.

Então o rei da criação, o homem  
primeiro que sahira das proprias  
mãos do Omnipotente, curvou a  
fronte submissa e deixou cair do  
cilio a primeira lagrima de angustia.

## VI

Começou assim a epopeia do cora-  
ção humano, o eterno poema do  
amor; eis a manceñilha que adormece e  
matta as illusões, e ao desditozo que  
perdeu crenças e miragens do  
futuro só resta o roseo espinho que  
na ponta do dedo da mulher Satan  
poz a se sorrir.

LEITÃO JUNIOR

**Uma conferencia na es-  
cola da Gloria**

Nos paizes cultos, quando o governo  
manda construir escolas com salas  
destinadas para conferencias publicas,  
ellas são franqueadas a todos  
aqueles que quizerem concorrer para  
o desenvolvimento intelectual do  
povo. Entre nós o contrario sucede:  
encarrega-se a um aspirante à ca-  
deira senatorial de convidar confe-  
renciadores, que não tem liberdade  
de discussão e não podem fazer uso  
da liberdade da tribuna, « cum don-  
de desce o manancial das idéas aos la-  
bios do povo. »

Mas...ia-nos esquecendo que es-  
tamos no paiz, onde o governo faz  
presente de uma escola ao povo, ao  
povo que paga o tributo, que paga as  
rendas do estado, as cortezanias do  
sr. conde d'Aquila, « certas dividas  
particulares », que sustenta o rei, a  
sua stirpe, seus aulicos, e finalmente  
assiste impassivel pôr-se em pratica  
a maxima das monarchias em todos  
os tempos, a maxima de Machiavel o—  
dividir para reinar.

Tolitur questio.

..

Realisou-se no domingo a 2.<sup>a</sup> con-  
ferencia do nosso comprovínciano o  
Sr. Dr. A. H. de Souza Bandeira. E  
sentimos profundamente não ter-

mos assistido a sua primeira e bri-  
lhante preleção sobre a philosophia  
moderna, na opinião « criteriosa »  
dos nossos collegas do « Apostolo. »

O orador começou declarando que  
voltava à tribuna não só para ex-  
plicar as suas idéas sobre a escola  
positivista, como tambem para provar  
a utilidade da metaphysica, de quem  
diz Tobias Barreto de Menezes, ta-  
lento superior e uma das poucas au-  
toridades no Brazil em materia philosophica, que é uma sorte de poesia  
carcana, que sabe revestir as mais  
frivolas bagatellas de um ar de se-  
riedade sombrio e magestoso, acres-  
cendo que os homens que nos fallam  
gravemente do Espaço, do Tempo, do  
Ser, da Causa, do Infinito, do Perfei-  
to... bem que sejam os primeiros em  
não entender o que elles dizem, to-  
davia tomam aos nossos olhos uma  
aparencia, uns toques de grandeza  
que é difficil dissipar. Não assim,  
quando, em nome do senso intimo,  
fazem o inventario das riquezas do  
espírito. Neste caso, surgem as ne-  
gociações decisivas ; e, o que assaz admira,  
é ainda a consciencia o juiz  
para quem se appella.

Passando às theorias da escola po-  
sitivista, que se baseia no criterio e  
bon senso de Comte e Littré, disse o  
illustre prelector que as considerava  
incompletas, mas não demonstrou a  
sua pretenciosa asserção, contentan-  
do-se em endesar o espiritualismo,  
unico sistema philosophico que re-  
puta verdadeiro, mas cuja impo-  
tencia no entanto é manifesta nas  
seguintes palavras de Paulo Janet,  
um dos seus defensores mais obsequiosos : « O espiritualismo, que estava  
no caso de emprehender conquistas  
ha quinze annos, está em uma crise  
medonha : é necessário unicamente  
defendê-lo. »

Não pondo de parte os seus princi-  
pios obsoletos, não admittio o ora-  
dor uma sociedade possivel sem um  
princípio superior e chamou a aten-  
ção do auditorio, como prova do  
seu dislate, para as theorias socialis-  
tas de Platão Campanella, Saint-  
Simon e outros, theorias estas muito  
conhecidas e que não deviam ser  
repetidas em presença de auditores  
tao ill strés, como disse por duas ou  
tres vezes. E o que nos causou grande  
admiração foi acompanhar um es-  
criptor frances no que diz respeito a  
Luiz Blanc, porque conhecemos o  
distinto conferenciador como signa-  
tario do manifesto de adhesão diri-  
gido ao Club Republicano desta ca-  
pital.

Tratai ainda o orador de outros  
pontos sobre a ordem social, fazendo  
em seguida estolidas considerações  
sobre a religião, o estado e a familia,  
e desceu da tribuna sem deixar a menor  
impressão no espírito do audi-  
torio.

..

O Sr. Dr. Antonio Herculano de  
Souza Bandeira Filho revelou em  
sua ultima conferencia muita loqua-  
cidade e nenhum dote oratório ; e a  
ilustração de seus ouvintes mostrou-  
se atraizado, mesmo no « espiritua-  
lismo » abraçando as opiniões de  
Cousin e Jouffroy, não obstante exis-  
tirem representantes mais adiantados  
do « espiritualismo-carteziano-  
catholico ».

Paramos aqui porque o pouco es-  
paço de que dispomos não nos per-  
mite ir além.

Ao comprovínciano os nossos em-  
boras, porque maiis de uma vez tem  
provado que a « tradição de intelli-  
gencia ainda não morreu na pro-  
víncia de Pernambuco. »

Rio, 18 de Agosto de 1875.

THEMIS.

**A tachygraphia na anti-  
guidade**

## III

As siglas (*singulæ litteræ*) foram  
por muito tempo o unico recurso de  
que lançaram mão os romanos para a  
transcrição immediata da palavra,  
« Antes de conhecerem as notas,  
diz Valerio Probo, as pessoas incumbidas  
do apanhamento dos discursos,  
sobretudo no senado, não escreviam  
senão as primeiras letras das palavras  
e dos nomes, e facilmente acha-  
va-se o sentido d'essas abreviaturas,  
adoptadas para proporcionar a quem  
escrevesse maior celeridade no traço. »

Provavelmente com os outros ele-  
mentos de civilisação, os romanos  
aprenderam na Grecia o methodo  
semeiographico, que consistia em  
substituir ás lettras do alfabeto tra-  
ços simples e concisos.

O autor da antiga obra *Rerum ita-  
licarum*, Paulo Warnefride, o Dia-  
cono, atribue a Ennio a invenção  
dos primeiros caracteres semeio-  
graphicos do sistema romano.

Plutarco, porém, assevera que  
antes de Cicero o uso d'esses signaes  
era desconhecido em Roma.

O discurso que proferio Catão de  
Utica contra Cesar e que Sallustio  
reproduziu, pôde ser escripto no mo-  
mento em que foi pronunciado, por-  
que Cicero, segundo o testemunho  
do autor dos *Parallelos*, collocára  
em diversos pontos do senado alguns  
individuos a quem tinha ensinado  
certas notas e abreviaturas que em  
poucos traços representavam muitas  
lettras. No havia ainda em Roma por  
essa época, acrescenta elle, semeio-  
graphos, isto é, homens que por meio  
de signaes particulares escrevessem  
uma palavra ou mesmo uma sen-  
tença. »

Uma das pessoas industriadas por  
Cicero para esse mister foi Tiro, li-  
bergo do orador e que passou por ser  
o primeiro que systematisou os ca-  
racteres da tachygraphia romana,  
celebres sob o nome de notas tiro-  
nianas.

Parece, pois, aceitável a opinião  
de que os estudos feitos por Cicero  
na Grecia comprehendiam tambem a  
arte abreviativa tão generalizada  
nesse paiz.

Propagou-se igualmente em Roma  
o gosto pela profissão de semeio-  
grapho, tomado aquelles que a exer-  
ciam o nome de *cursores*. Crea-  
ram-se aulas gratuitas para o ensino  
da arte, e já no reinado de Augusto  
havia no imperio perto de trescentas  
régias por professores projectos e  
frequentadas por grande numero de  
alumnos.

Quasi todas as pessoas de impor-  
tância tinham um e mais tachygra-  
phos fazendo parte da sua casa.  
Assim, Mecenas contava entre seus  
libertos muitos *cursores* que torna-  
ram-se habilissimos e chegaram  
mesmo a introduzir algumas modi-  
ficaciones no alfabeto de Tiro ; e Pli-  
nio-o moço levava sempre um nas  
excursões que emprehendia.

E extensa a lista dos vultos emi-  
nentes da historia romana que eram  
iniciados nas dificuldades da arte  
tachygraphica.

Ovidio dá a entender que Julio-  
Cesar pertencia ao numero dos se-  
meiographos de Roma e Sustonio diz  
claramente que Tito acompanhava a  
mais rapida leitura, desafinando a  
imital-o os tachygraphos da sua co-  
mitiva.

De todos elles o mais notavel foi  
Seneca, o rhetorico, que como é sa-  
bido, tinha uma memoria tão prodi-  
giosa que conseguia reter duas mil  
palavras proferidas pelo orador.

Seneca ajuntou aos caracteres de  
Tiro um grande numero de abrevia-  
turias, das quais organizou um dic-  
cionario alphabeticó.

A arte tachygraphica attingio em  
Roma o seu maior grao de perfeição  
e si dermos credito ao que della

dizem alguns poetas latinos, obtinham  
seus cultores resultados maravi-  
lhosos.

Não é possível, porém, acceptar o  
juizo desses escriptores sem um exa-  
me embora ligeiro do sistema  
tironiano, tal qual é reproduzido por  
Carpentier na obra que a este res-  
pecto escreveu em 1747.

LUIZ LEITÃO

(Continua.)

**República**

Vem perto rompendo as trevas  
Vermelho o sol da verdade,  
Echendo as ares sombrios  
Dos raios da Liberdade !  
Hoje... amanhã... mais um dia  
O furono da tyrannia  
Deve rolar-nos aos pés,  
O escravo os ferros sacode...  
Já sobre os homens não poda  
Sentir o peso dos reis !...

Não mais do povo os gemidos  
Devem hater contra os céos...  
Já vamos torcer-se em ancias  
O corvo dos Prometheus !...  
Feroz, de pé, nas crateras  
O anjo das novas éras  
Irrado atia o vulcão !...  
E as lavas virão trementes  
Grandes, sinistras, ardentes  
Lancando os thronos no chão !

República! ideia sublime

Que ao povo inspira abrazado :

República! que o povo, livre

Não deve assim ser calçado

Eterna, cruenta guerra

Lances os tyrannos por terra,

Lances por terra os grillhões,

Levantem-se as guilhotinas,

Relembrem-se as leis divinas,

Sacudam o jugo das nações !

Escravo! escravo ! Esse nome

Só nos faz tremer de horror !

Sejamos iguais, é tempo

Ning nem se curva a um senhor

Referia a febre dos povos,

Surja para nos dias novos,

Surja pra nos outro céo !...

E, ao grito extremo da guerra,

De cada canto da terra

Se levante um Bryareu !

Eis já, sombrios dos tumulos

Surgem phantasmas ligeros,

São velhos martyres da ideia,

São outros tantos guerreiros !

Surgem : Tira Dentes, Ivo,

Hadaro, Felipe ativo,

Gonzaga, Claudio, Machado ;

E quaez da campa miasmas,

Surge mil outros phantasmas,

Cada phantasma—um soldado !

Tremei, tyrannos ! Que o throno

Tremei ja deve tiver,

Que a nossos pés rolar hão de

Vossas curvas de reis !...

Medonho ao longo o oceano

Brâmo feroz, soberano,

Marcando o instante fatal,

E os raios da liberdade

Já correm da imensidão

Rasgando a nuvem final.

Mais um momento e as crateras

Hão de queimar mesas os céos,

Por terra exangue veremos

O corvo dos Prometheus,

E as lavas feras, sinistras

Virão rugindo nas cristas

Do despertado vulcão,

Ao rouco grito da guerra

Lancando os sceptros por terra,

Lancando os thronos no chão.

Novembro 1872.

MARIANO DE OLIVEIRA.

**BRAZIL AMERICANO**

**Aos senhores assignantes**

Aos nossos assignantes pedimos toda  
indulgencia para qualquer falta ou ir-  
regularidade na entrega desta folha.  
Temos todo o empenho em que não  
haja jâmais motivo para reclamação e  
por tudo quanto de nós depende nem-  
huma dar-se-hia.

O BRAZIL AMERICANO tem sabido re-  
gularmente todas as semanias; não é,  
pois, por este lado, nem à falta de zelo  
e interesse da nossa parte, que algum  
dos nossos assignantes o não tem rece-  
bido em tempo. Providenciamos entre-  
tanto para que o serviço da entrega  
nada sofria.

ASSIGNA-SE NA

19 RUA DE GONCALVES DIAS 19

Rio, 18 de Agosto de 1875.